

Meu amigo!

As linhas que o teu olhar primeiramente capta foram as últimas a serem escritas. A acompanhá-las, fica o intento de ainda proceder, uma vez mais, a um ensaio que visa impor a forma de carta à pesquisa mais pormenorizada que ora te é enviada. Estas linhas entram então em correspondência com as últimas³ e no seu conjunto formam um sobrescrito, desta forma sugerindo exteriormente aquilo de que provas interiores te quiseram persuadir de tantas maneiras; o que estás a ler é uma carta. Não quis abdicar do pensamento de que te escrevia uma carta, em parte, porque o tempo de que dispunha não me permitiu a elaboração mais aprimorada exigida por um opúsculo, e, em parte, porque só contrafeito deixaria eu passar a oportunidade de, com maior exortação e empenho, te dirigir um apelo decorrente da forma epistolar. Aliás, tens demasiada prática na arte de saber falar de tudo de uma maneira bastante geral sem deixares que isso te atinja pessoalmente, para que houvesse eu de te tentar por via de pôr em movimento a tua força dialéctica. Bem sabes como o profeta Natan se comportou diante do rei David, quando entendeu bem a parábola exposta pelo profeta, mas não quis entender que a parábola a ele se aplicava⁴.

3 As últimas linhas são a saudação de despedida deste capítulo e, concomitantemente, o derradeiro apelo com que se encerra o terceiro capítulo deste volume, «Ultimato».

4 2 Samuel, 12:1-7: «E o Senhor enviou Natan a David; e entrando ele a David, disse-lhe: Havia, numa cidade, dois homens, um rico e o outro pobre. / O rico tinha muitíssimas ovelhas e vacas; / Mas o pobre não tinha coisa nenhuma, senão uma pequena cordeira que comprara e criara; e ela tinha crescido com ele e com os seus filhos, igualmente; do seu bocado comia, e do seu copo bebia, e dormia em seu regaço, e ele a tinha como filha. / E, vindo ao homem rico um viajante, deixou este de tomar das suas ovelhas e das suas vacas, para guisar para o viajante que viera a ele; e tomou a cordeira do homem pobre, e a preparou para o homem que viera a ele. / Então o furor de David se acendeu, em grande maneira, contra aquele homem, e disse a Natan: Vive o Senhor, que digno de morte é o homem que fez isso. / E pela cordeira tornará a dar o quadruplicado, porque fez tal coisa, e porque não se compadeceu. / Então disse Natan a David: Tu és este homem. Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu te ungi sobre Israel, e eu te livre das mãos de Saul.»

Natan acrescentou então como medida de precaução: Tu és este homem, Rei e Senhor. Foi também assim que sempre procurei lembrar-te de que se está a falar de ti, e de que se está a falar para ti. Por isso, de modo algum duvido que durante a leitura terás sempre a impressão de que aquilo que lêes é uma carta, mesmo se vier a perturbar-te a circunstância de o formato do papel não ser o adequado. Dado ser funcionário do Estado, é meu hábito escrever sobre a folha inteira; talvez isto tenha o seu lado bom, se puder contribuir para que a minha missiva ganhe aos teus olhos um certo carácter oficial. A carta que ora recebes é bastante grande; se houvesse de ser submetida à balança postal, tornar-se-ia uma carta dispendiosa; submetida à balança de ourives de uma crítica fina, talvez se mostrasse até deveras insignificante. Por isso mesmo, peço-te que não utilizes nenhuma destas balanças; não utilizes a balança postal, pois não recebes a carta para reenvio, mas como depositário; não utilizes a balança da crítica, já que só contrafeito l[16] desejaria eu tornar-te culpado de um mau-entendimento tão grosseiro e tão pouco simpatético.

* *
*

Se mais alguém que não a tua pessoa chegasse a ver esta pesquisa, então, achá-la-ia seguramente muitíssimo estranha e superficial; se fosse homem casado, talvez exclamasse com uma certa bonomia de pai de família: sim, o casamento é a estética da vida; se se tratasse de alguém jovem, talvez entoasse algo pouco claro e irreflectido: sim, amor⁵, és a estética da vida; mas nenhum deles seria capaz de conceber como me pôde ocorrer falar da reputação estética do casamento. Muito presumivelmente, em vez de ser merecedor dos esposos, os já casados e os que estão para casar, eu acabaria antes por me tornar suspeito, pois aquele que defende acusa⁶. E teria de agradecê-lo a ti, pois nunca duvidei disso; tu, a quem amo como um filho, como um irmão, como um amigo, apesar de todas as tuas bizarrias; amo-te com um amor estético, porque porventura conseguirás alguma vez encontrar um centro para os teus movimentos excêntricos; amo-te por causa da tua impetuosidade, por causa das tuas paixões, por causa das tuas

5 Aqui, «*Kjærlighed*». Doravante serão referenciadas as ocorrências de «*Elskov*». Vd. adiante nota 66.

6 Alusão ao dito romano «*Dum excusare credis, accusas*», i.e. «Ao pensares que desculpas, acusas», consagrado na fórmula «*Tel s'excuse: qui s'accuse*» por Gabriel Meurier (1530-1601) em *Recueil de sentences notables, dictes et dictons communs, adages, proverbes et refrains, traduits la plupart de latin, italien et espagnol et réduits selon l'ordre alphabétique*, 1568, p. 121, verso.

fraquezas, amo-te com um temor e tremor de amor religioso⁷, porque vejo os maus caminhos e porque és para mim algo completamente diferente de um fenómeno. Com efeito, quando assim te vejo escoicear para o lado, quando te vejo desencabrestado como um cavalo selvagem que se empina irrompendo de novo para a frente, então, com efeito, abduco logo de toda a mesquinhez da pedagogia; penso, porém, num cavalo que ainda não foi adestrado e também vejo a mão que segura as rédeas, vejo o chicote do destino erguendo-se sobre a tua cabeça. E contudo, quando finalmente esta pesquisa te chegar às mãos, então, dirás talvez: sim, é inegável que se trata de uma tarefa desmedida aquela a que ele se propôs, mas por ora vejamos, portanto, como se irá ele desenvencilhar. Estarei porventura a falar-te de uma maneira excessivamente branda, sou porventura demasiado tolerante para contigo; apesar do teu orgulho, talvez devesse ter feito maior uso da autoridade que tenho sobre ti, ou talvez nem sequer me devesse ter envolvido contigo nesta matéria, já que és afinal um homem corrupto, e de muitos modos, e quanto mais alguém se envolver contigo, pior fica. Não é que tu sejas desta forma um qualquer inimigo do casamento, mas fazes mau uso do teu olhar irónico e do sarcasmo [17] do teu escárnio para troçar dele. A este respeito, apraz-me admitir que não bates no ar⁸, que acertas no alvo, e que tens muito poder de observação, mas quero ao mesmo tempo dizer que talvez seja esse o teu erro. A tua vida resumir-se-á a uma mera corrida para viver. Responder-me-ás presumivelmente, dizendo que é todavia melhor do que viajar sobre os carris da trivialidade e acabar atomisticamente perdido no formigueiro da vida social. Já ficou dito que não se pode dizer que detestes o casamento, pois certo é que o teu pensamento nunca a tal propriamente chegou, pelo menos, sem com isso se escandalizar; e assim possas tu perdoar-me, e também eu assumo que não pensaste profundamente no assunto. Do que gostas mesmo é do primeiro enamoramento. Sabes como submergir e ficar oculto numa sonhadora clarividência, inebriada de amor⁹. Enleias-te na mais fina teia de aranha, assim de uma ponta à outra, e pões-te agora de vigia. Mas não és uma criança, não és uma consciência que desperta¹⁰ e, por isso, o teu olhar traz algo de diferente a sugerir; mas contentas-te com isso. Amas o casual. Um sorriso de uma menina bonita

7 2 Filipenses, 2:12: «De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim, também, operai a vossa salvação, com temor e tremor.»

8 1 Coríntios, 9:26: «Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar.»

9 Aqui, «*Elskovsdrukken*».

10 A consciência que desperta para o desejo é a disposição atribuída ao primeiro estágio do erótico-musical, protagonizado por Cherubino, o pajem da ópera de W. A. Mozart, *Le Nozze di Figaro*. Vd. *Ou—Ou I*, pp. 111-115.

numa situação interessante¹¹, um olhar que se fixa, é isso que persegues, é esse o motivo da tua ociosa fantasia. Tu, que te gabas como sempre de ser *observateur*, terás em troca de ficar na situação de tu próprio passares a ser objecto de contemplação. Vou recordar-te um caso. Certa linda e jovem menina, ao lado da qual te sentaras à mesa casualmente (porque tem obviamente de se realçar que nem sabias qual o seu estado, nem o nome, nem a idade, etc.), era demasiado recatada para chegar a conceder-te um olhar. Ficaste por um instante perplexo, seria simplesmente *Sprødigkeit*¹², ou não haveria algum constrangimento à mistura, o qual, bem iluminado, pudesse mostrá-la numa situação interessante. Podias vê-la num espelho diante do qual ela se sentara. Sem pressentir que os teus olhos já se haviam aí acomodado, lançou um tímido olhar na direcção do espelho e corou quando os teus se cruzaram com os dela. Coisas destas conservas tu com tanto pormenor como um daguerreótipo¹³, e com a mesma rapidez do daguerreótipo, pois, como é sabido, mesmo sob as piores condições atmosféricas só é preciso usar meio minuto. Ai! És um ser estranho, meio novo, meio velho; umas vezes pensas com uma gravidade desmedida nos mais elevados problemas científicos, em como irás sacrificar a tua vida por eles, outras vezes és um tonto apaixonado. Estás entretanto bem longe de casar e tenho esperança de que o teu bom génio te impeça de seguir por maus caminhos, pois algumas vezes parece-me notar em ti vestígios do desejo de fazer o papel de pequeno Zeus¹⁴. És tão sobranceiro em relação ao 1181 teu amor que acabarias certamente por ficar em crer que qualquer menina teria de dar-se por muito feliz por ter sido tua namorada durante oito dias. Por ora, até mais ver, podes prosseguir os teus estudos apaixonados, juntamente com os estéticos, os éticos, os metafísicos, os cosmopolitas, etc. Zangado contigo, não se pode propriamente ficar; tal como na concepção medieva do mal, o mal que há em ti contém uma certa adição de bonomia e puerilidade. No que diz respeito ao casamento, sempre assumiste o comportamento de quem se

11 Vd. nota 12 de «Prefácio», p. 31, e em «Diário do Sedutor», notas 4 e 47, respectivamente pp. 339 e 368, em *Ou–Ou I*.

12 Adaptação à grafia dinamarquesa do termo alemão «*Sprødigkeit*», i.e. «esquivez».

13 Designação das imagens obtidas a partir da técnica desenvolvida por dois franceses, o pintor Louis Daguerre (1787-1851) e o físico Joseph Niepche (1765-1833), descoberta e tornada pública em 1839. Coincidindo com a escrita de *Ou–Ou*, os primeiros daguerreótipos na Dinamarca datam de 1842 (Joseph Weninger, com *atelier* na Bredgade, e M. Alstrup, com *atelier* num pavilhão dos Jardins Reais). Em 1842, Weninger obtinha daguerreótipos com apenas quinze a trinta segundos de exposição. Ao contrário de todas as outras personalidades relevantes do seu tempo e dos seus familiares, Kierkegaard não se fez retratar por daguerreótipo.

14 Alusão às aventuras eróticas de Zeus. Cf. Homero, *Ilíada*, Livro XIV, vv. 312-328, p. 291, na tradução portuguesa de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia, 2005.

limita a observar. Há algo de traiçoeiro em querer ser um mero observador. Quantas vezes não me divertiste tu — sim, confesso-o de bom grado —, mas quantas vezes também não me supliciaste com histórias tuas sobre o modo como te havias insinuado e ganho a confiança ora de um ora de outro marido, para veres até que ponto estaria ele atolado no pântano da vida conjugal. Não nego que possuis realmente grandes dotes para te insinuares dissimuladamente junto das pessoas, nem vou também negar como me dá real prazer ouvir-te contar os resultados e ser testemunha da tua exuberante alegria de cada vez que consegues levar à praça uma contemplação acabada de obter. Mas, para falar com sinceridade, o teu interesse psicológico não tem seriedade; é mais uma curiosidade hipocondríaca.

Mas passemos ao assunto. São duas as coisas que terei especialmente de tomar como tarefa minha: mostrar a significação estética do casamento, e mostrar como o estético, apesar dos múltiplos obstáculos da vida, se deixa conservar no casamento. Entretanto, para que possas entregar-te com maior confiança à edificação que a leitura deste breve artigo possivelmente te poderá proporcionar, farei sempre aparecer em primeiro lugar um pequeno prelúdio polémico, no qual se tomará em devida conta as tuas sarcásticas contemplações. Mas, com isto, espero ter igualmente pago o devido tributo aos Estados de salteadores¹⁵, podendo então, tranquilamente, entregar-me desde logo à minha vocação, já que afinal sou aquele que, por vocação, sendo ele mesmo esposo, luta pelo casamento — *pro aris et focis*¹⁶. E asseguro-te que trago este assunto tanto em mente que, sentindo-me eu, aliás, pouco tentado a escrever livros, poderia realmente ver-me tentado a fazê-lo, se me atrevesse a alimentar a mera esperança de salvar um único casamento que fosse do inferno em que talvez se tivesse precipitado, ou de fazer que duas pessoas se aplicassem melhor a realizar a mais bela tarefa que ao homem é posta.

Por uma questão de cautela e conforme for oportuno, trarei à colação a minha esposa e a minha relação com ela, não porque me atrevesse a [19] apresentar o nosso casamento como exemplo de normalidade, mas, por um lado, porque as descrições poéticas captadas no ar possuem em geral um fraco poder de convencimento e, por outro, porque, para mim, tem impor-

15 As cidades de Argel, Tunis e Trípoli eram conhecidas na Antiguidade como «Estados de salteadores», sendo a segurança contra piratas e corsários garantida através do pagamento de um tributo.

16 Em latim no original: «pelos altares e pelos lares», expressão de que faz eco o lema «por Deus e pela Pátria». Vd. M. T. Cícero, *De natura deorum* [Da Natureza dos Deuses], Livro III, 94. Edição do autor: *M. Tullii Ciceronis opera omnia*, edição de J. A. Ernesti, vols. I-VI, Halle 1757; vol. IV, p. 604. Em português: *Da natureza dos deuses*, introdução, tradução e notas de Pedro Braga Falcão, revisão de Alice Araújo, Lisboa, Vega, 2004, p. 116.